

## ASSUNTOS

- **COMUNICAÇÃO** 3  
**OPINIÕES DE PESO**  
(1ª parte)
  - **SERVIÇO** 9  
**A história de uma mensagem**  
(30ª parte)
  - **CIÊNCIA** 11  
**OBSESSÃO REINCIDENTE**
  - **PANORAMA** 13  
**SUICÍDIO, O QUE FAZER?**
  - **JUVENTUDE** 15  
**O JOVEM E SEUS PROBLEMAS**
  - **EDUCAÇÃO** 16  
**AMBIENTE FAMILIAR E OS PROBLEMAS  
DA VIOLÊNCIA NUMA ANÁLISE ESPÍRITA**
- OUTROS...**
- Conversa Breve
  - Kardec Afirma
  - A Vida Contínua
  - Aprendendo com Chico Xavier
  - As lições de Chico Xavier

### “INFORMAÇÃO”:

é registrada na D.C.D.P. Do D.P.F. sob n. 1702 (Portaria 209/73) - publicada pelo Grupo Espírita “Casa do Caminho” -

### Jornalista responsável:

Zancopé Simões (Reg. 10.162) -

### Redação:

Rua Souza Caldas, 343 - Fone: (11) 2764-5700

Correspondência:

Cx Postal: 45.307 - Ag. VI. Mariana/São Paulo (SP),

“INFORMAÇÃO” não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos pelos seus entrevistados ou articulistas.

### Edição e Impressão:

VAN MOORSEL, ANDRADE & CIA. LTDA.  
Rua Souza Caldas, 343 - São Paulo - SP

## Kardec Afirma

Em “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”,  
Questões 469.

### Por que meio se pode neutralizar a influência dos maus Espíritos?

— *Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus, repelis a influência dos Espíritos inferiores e destruis o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que suscitem em vós os maus pensamentos, que insuflam a discórdia e excitam em vós todas as más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, porque eles atacam na vossa fraqueza. Eis porque Jesus vos faz dizer na oração dominical:*

**“Senhor, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”.**



### Mensagem da capa

*“Sempre que possível, onde estejas e por onde passes, deixa algum sinal de paz e luz para aqueles irmãos que estão vindo na retaguarda, a fim de que não se percam do rumo certo”*

*Emmanuel*



## LEMBRETE IMPORTANTE

*Chico Xavier, além dos livros, exemplos e outros tipos de contribuições aos seus semelhantes e seguidores do Espiritismo, pelo nível de Sabedoria, credibilidade e respeito alcançados no final de sua existência, deixou importantes opiniões sobre graves questões enfrentadas pela conturbada humanidade dos dias atuais.*

*A que reproduzimos a seguir, destaca-se do livro “O EVANGELHO DE CHICO XAVIER”, compilação de fragmentos colecionados por Carlos Antonio Baccelli, e merece ser refletido pelos que pensam meios de resolver os problemas enfrentados na atualidade.*

***“Eu não sei como as autoridades competentes não resolvem o problema das drogas, que, em última análise, diz respeito a todos... Quem é que não tem hoje, próximo ou distante, um parente envolvido com elas?! Tenho escutado muitos pais, muitas mães, muitos avós...”***

***“Nos Estados Unidos, as drogas praticamente estão comprometendo uma geração. Devemos combater, com veemência, este problema: nas escolas, nos ambientes de trabalho e, sobretudo, nos lares... Não podemos assistir, impassíveis, aos nossos jovens sendo vítimas de traficantes. A propaganda contra as drogas é muito tímida. De meia em meia hora, a televisão deveria combater o problema, o rádio, o jornal... Os livros escolares deveriam, no processo de alfabetização, já começar esclarecendo a criança contra o perigo das drogas – um vírus que tem matado mais gente que os agentes viróticos mais violentos. A propaganda contra o uso de drogas tem que ser maciça – nos intervalos dos shows, nas partidas de futebol, nas missas, nas reuniões espirituais...”***



## OPINIÕES DE PESO

(1ª Parte)

Marcelo Borela de Oliveira

O professor universitário, médium e orador espírita, tem sido colocado ao lado de Divaldo Pereira Franco na liderança de vários segmentos do movimento em torno das idéias espíritas. Profundo conhecedor do Espiritismo, Raul Teixeira, emite pareceres pautados pela lucidez e sensatez que caracterizam os que devem e merecem ser ouvidos. É o que os leitores poderão confirmar na entrevista que reproduziremos em duas partes, a partir deste número.

***Por que razão escasseiam-se nas casas espíritas as reuniões que chamávamos antigamente de sessões de desobsessão, que tantos benefícios trouxeram a inúmeros cidadãos com problemas obsessivos?***

**Raul Teixeira:** Há inúmeras razões para esses esfriamento na realização desse tipo de reuniões, algumas cujas raízes estão nas instituições, enquanto outras podem estar nas pessoas que atuam nessas instituições na condição de médiuns. Antigamente, ao que sabemos, as reuniões de desobsessão eram um momento sagrado do Centro Espírita, para o qual não se levava qualquer pessoa. Para dela participar, tinha-se que ser médium mesmo, com as condições morais de tal maneira firmes que suportassem o assédio concomitante ou posterior das entidades infelizes envolvidas, mantendo conduta ilibada na sociedade e na família, adquirindo o que se chama de autoridade moral. Os médiuns de então, quase sempre pessoas muito modestas, mantinham um regime de dedicação aos trabalhos do bem, trabalhando a si mesmos para merecer

essa convivência com os Prepostos de Jesus nesse labor de socorro espiritual. Temos que convir a dificuldade de muita gente, hoje em dia, para assumir compromissos. Seja pelas experiências de indisciplina cultivadas, seja pelas condições das grandes cidades, que dificultam os translados das pessoas de um para outro lado. Assim, é costume em muitos lugares os médiuns faltarem muito aos trabalhos, porque chegam tarde da lida profissional, porque frequentam festas e não perdem nenhuma, porque qualquer motivo é motivo para não comparecer e, assim, não criam vínculos psíquicos com a atividade nem com os Benfeitores da tarefa. No campo dos Centros Espíritas, muitos não têm critérios doutrinários para a escolha dos seus dirigentes das sessões e optam, quase sempre, por companheiros que mesmo quando têm boa vontade, desconhecem a profundidade e a dinâmica daquilo que foram chamados a fazer; não têm voz ativa, conquistada pela autoridade moral e pela convivência semanal com os médiuns que, então, fazem como querem na sessão; não exigem dos membros das sessões mediúnicas a participação nas reuniões de estudos do centro, o que permite que muitos médiuns só compareçam à instituição nos dias e horários dessas sessões, não conseguindo higienizar as mentes por meio dos estudos, das análises, das discussões felizes, das trocas afetivas, mas mantendo cacoetes dispensáveis que afixam à mediunidade propriamente dita, predispondo-se muitas vezes ao surto anímico ou às investidas mistificadoras, que proliferam nos



terrenos onde vigora a invigilância. Poucos dirigentes espíritas sabem que não deve ser qualquer médium convidado para atender aos trabalhos desobsessivos. Não é por ser psicofônico, vidente ou psicógrafo que um médium terá condições gerais para participar de trabalhos tão graves, tão sérios. Pessoas que mantêm o tabagismo, o alcoolismo ou o uso de quaisquer outras drogas de tropismo neurológico; indivíduos que se mantêm nas faixas da prostituição sexual, por mais modernas que estejam tais práticas nas metrópoles e quejandos, certamente não serão os mais recomendados para atender nessas sessões. Mas pessoas de língua grande, que não sabem guardar a discrição exigida por esse labores bem como as que portam desarranjos emocionais, que gritam, que se acabam de chorar se chove ou se faz sol, não devem ser chamadas para tão sérios compromissos. São encontrados ainda, em muitas instituições, médiuns que não se falam, que estão brigados, participando dos serviços de mediunidade com o objetivo de atender à desobsessão. Acintes desses tipos contribuem bastante para que as sessões vão deixando aos poucos de ser sessões de desobsessão para converter-se em sessões de obsessão. São, realmente, muitas as possíveis causas do esvaziamento das condições espirituais de uma atividade desobsessiva, mas, fundamentalmente, encontramos como causa primordial o próprio Ser humano, inadaptado às disciplinas, desejoso de fazer o que lhe dá na cabeça, ou, pela ausência de conhecimento e maturidade, tornando-se instrumento

de fascinadores, de mistificadores que, quando não os torna grandes empecos no corpo das sessões, afastam-nos do grupo, a fim de explorá-los mais facilmente, impondo-lhes a perda da oportunidade reencarnatória. Somente a seriedade do trabalho, baseado no estudo sério e continuado, da ação fraternal em favor dos necessitados à nossa volta associada aos esforços pela autotransformação, farão com que retornemos às sessões de desobsessão que reflipam o Pentecostes, em cuja estrutura os filhos do Calvário, os caídos e os sedentos de luz poderão reencontrar o coração vivo e amoroso do Mestre Jesus.

**Qual deve ser a atitude dos dirigentes espíritas relativamente a essa enxurrada de obras mediúnicas de origem duvidosa, que tem infestado o mercado de publicações espíritas nos últimos tempos? Será que Kardec, no seu tempo, ficaria calado diante dessas obras?**

**Raul Teixeira:** Acredito que num período em que o planeta está vivendo tormentos de todos os tipos, confirmando o que considera Allan Kardec, em seu livro **A Gênese**, ao afirmar que hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade, não poderia o nosso Movimento Espírita estar livre dessa avalanche atormentadora de más influências, seja de indivíduos aventureiros e insanos — que anseiam por vitórias passageiras e/ou lucrativas, sem a necessária consciência do tipo de semente que estão plantando para colheita complexa no porvir — seja de entidades desencarnadas que continu-



am zombando dos esforços da Luz, das Falanges Crísticas, que visam desfazer as sombras que se demoram sobre a Terra. Na medida em que os dirigentes espíritas vão se tornando mais lúcidos e, por conseguinte, mais coerentes com os princípios do Espiritismo, conseguem dar-se conta de que qualquer obra que divulguemos em nome da nossa Doutrina deve ter a chancela do bom senso kardequiano. Compreenderão que não vale oferecer ao grande público tudo o que vai surgindo no mercado livresco porque tenha o título de obra mediúnica ou espírita, a fim de obter o tão esperado “lucro”. Primeiro, porque nem tudo o que é mediúnico tem que ser espírita, já que a mediunidade não é patrimônio do Espiritismo. Segundo, porque o critério utilizado pelo Codificador do Espiritismo para a seleção e publicação de textos é bastante rigoroso, indiscutivelmente responsável. Sempre que alguém se põe a publicar e a comercializar produtos sem qualidade genuinamente espírita, no mínimo comete o erro de lesa-verdade espírita, o que ao longo do tempo deve acarretar muitas coisas graves nas mentes dos que as leem sem os necessários filtros do conhecimento dos livros de Kardec.

Com relação a Allan Kardec, estou certo de que não aceitaria tal fato com a passividade que temos encontrado no nosso Movimento, uma vez que são muitos os dirigentes, nos mais variados níveis de responsabilidades, que não têm coragem de afrontar o **status que** vigente nesse campo literário, seja para não terem aborrecimentos e se pouparem das investidas retaliadoras dos interessados

na manutenção do que acontece agora, seja porque também não dispõem do necessário senso crítico para ver os elementos antiespíritas ou inverídicos que tais obras contêm.

É na Revista Espírita, publicada por Kardec no mês de maio de 1863, quando ele faz um exame das comunicações mediúnicas que lhe eram enviadas, que encontramos suas palavras dizendo: Em grande número encontramos-as notoriamente más, no fundo e na forma, evidente produto de Espíritos ignorantes, obsessores ou mistificadores e que juram pelos nomes mais ou menos pomposos que as assinam. Publicá-las teria sido dar armas à crítica. Vemos, assim, que o Codificador do Espiritismo tomava posição e se pronunciava a respeito com a firmeza que o caracterizava.

Temos lido livros ditos mediúnicos onde são apresentados o chulo da pornografia, das descrições libidinosas, fantasiosas descrições que não suportam o crivo da razão espírita, ao lado de outras coisas sem nexo, sem sentido para o processo de renovação e crescimento da criatura humana, sob a ótica do Consolador. Vejamos o que escreve Kardec no texto supracitado: ***Para começar convém delas afastar (das massas) tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne. Depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas idéias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal; mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais. Infelizmente o homem é inclinado a supor***



*que tudo o que lhe agrada deve agradar aos outros. O mais hábil pode enganar-se; tudo está em enganar-se o menos possível. Há Espíritos que se comprazem em alimentar a ilusão em certos médiuns. Por isso nunca seria demais recomendar a estes não confiar em seu próprio julgamento. É nisso que os grupos são úteis: pela multiplicidade de opiniões que podem ser colhidas. Aquele que, neste caso, recusasse a opinião da maioria, julgando-se mais esclarecido que todos, provaria superabundantemente a má influência sob a qual se acha.*

Vale a pena continuar a ler o que nos diz o Codificador, Allan Kardec, sobre o tema em apreço: **Aplicando estes princípios de ecletismo às comunicações que nos enviaram, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número não há mais de 300 para publicidade, e apenas cem de um mérito incontestado. Essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes. Inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por aí pode julgar-se da necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se se quiser atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo.**

Bem entendemos, pois, que Kardec não se acomodaria silenciosamente, como não se acomodou em sua época. Hoje em dia nos deparamos com um espírito

acomodatício em nosso Movimento, o que se mostra indicativo do descompromisso de muitos com a grandeza e clareza do Espiritismo, nada obstante continuem ocupando as mais diversas posições nos seus campos de atividades.

**Um fato bem peculiar em grande parte dos Estados Unidos e da Europa é a existência de grupos espíritas fundados e mantidos por brasileiros, cujos trabalhadores e frequentadores são em sua maioria brasileiros. Poucos grupos conseguiram despertar nos nativos a vontade de aprender a Doutrina Espírita. O que é possível fazer para reverter esse quadro?**

**Raul Teixeira:** Será sempre de muito bom proveito para o exercício da nossa humildade o fato de não atribuirmos aos brasileiros, que vivem no Exterior, qualquer missão messiânica. É muito importante não introjetarmos na alma nenhuma vaidade relativamente a nossa postura diante de outros povos ou de outros países, se quisermos ser bem aproveitados pelo Mundo Espiritual Superior em qualquer labor feliz ao que nos queira vincular.

Não deveremos perder de vista que nesses países, para onde vão viver muitos brasileiros, existe uma ou mais culturas que lhes são próprias, tanto quanto existe a sua religião predominante. Imaginar que poderemos chegar em algum deles e fazer como fizeram no descobrimento do Brasil os religiosos portugueses, ou seja, montar o nosso altar (nossa mesa) e celebramos nossa primeira missa (nosso primeiro culto, sessão, etc.), à revelia dos seus filhos



naturais, dos seus hábitos ou de suas crenças, tendo todos a nossa volta nos adorando e nos aplaudindo, seria uma ingenuidade, para dizer o mínimo.

É bem real que muitos brasileiros que eram espíritas no Brasil, sentindo falta dos seus ambientes de atividade espírita daqui, tenham criado uma pequena célula de estudos, muitas vezes tendo início em suas residências, numa garagem, etc., e mais comum ainda é que acorram outros compatriotas que, seja pelo sentimento de isolamento em que se veem, seja por sua necessidade afetiva ou, de fato, pela sede de voltar a sorver em grupo as bênçãos dos estudos espíritas, desejam estar juntos.

A mim me parece que a proposta mais coerente será a de bem vivenciar, onde quer que estejam os brasileiros espíritas, de tal modo os princípios espíritas, que os nativos passem a ver neles, nas relações sociais que mantenham, pessoas com hábitos muito diferentes, com posições muito equilibradas e justas, em meio a uma vida relacional de muito respeito, harmonia e lucidez. Isso, sem dúvida, arrastaria muita gente em virtude da curiosidade em saber em que fontes esses estrangeiros recolhem tanta clareza, tanto bom-senso e tanta firmeza de propósitos do bem para viver, mesmo diante das adversidades que são comuns para quem vive num país estranho ao seu.

Vemos, nada obstante, que os grandes problemas de aproximação com os nativos nas células espíritas que se formam, começam pelo fato de não haver o domínio da língua do país para um relacionamento equilibrado ou capaz

de entretecer os necessários diálogos explicativos; por outro lado, outro impedimento é encontrado na situação documental de incontável número de brasileiros, uma vez que se acham na ilegalidade nesses países. Como conviver com quem poderá tomar contato com essa situação e possivelmente denunciá-los às autoridades? Como tornar-se “missionário” declarado, de frente erguida e sem temores, quando se está ilegalmente em terras alheias?

Temos, ainda, outros elementos que pesam nessa relação de brasileiros com naturais de outros países. É que muitos que são espíritas lá fora, não o eram desde o Brasil. Conheceram o Espiritismo no exterior. Assim, para muitos, faltam as habilidades de como administrar uma Casa Espírita, realizar as sessões, os estudos e as demais atividades, passando a ouvir e copiar as informações de visitantes, nem sempre amadurecidos para dar-lhes a orientação precisa. É assim que encontramos grupos espíritas de brasileiros no Exterior que seguem a “linha” de alguém, conhecido seu, do Sul ou do Norte brasileiros; em outros grupamentos, os lidadores seguem a “linha” do Nordeste ou do Sudeste, e muitos mais ainda não seguem somente indicações de federativas brasileiras, mas, o que quase sempre é mais complicado, ligam-se a maneirismos dessa ou daquela instituição do nosso país ou desse ou daquele médium, e os problemas se vão avolumando como se pode ver. Assim, não se trata de reverter o quadro da ausência de nativos de outras nações em células espíritas de brasileiros em seus países, trata-se de os próprios



brasileiros terem a clareza indispensável a respeito do que é o Espiritismo, da seriedade dos seus princípios e evitem a “colagem” dos modos de fazer trabalhos espíritas no nosso país, e passem a prestar mais atenção na cultura do país onde estão, procurando melhor entendimento da mesma, a fim de melhor se aproximar dos seus naturais.

É comum encontrarmos no Exterior as células espíritas fundadas por brasileiros com nomes dos Guias conhecidos no Brasil que, por mais respeitados ou amados por nós, aqui, nada informam ou significam para o povo do país. Nenhum cuidado de identificar os vultos espíritas do país onde estão, a fim de que, a partir do nome — caso desejem dar nomes de pessoas — possam instigar a simpatia de quem dessas instituições queira se aproximar. Quantos nobres espíritas, espiritualistas importantes ou pesquisadores destacados conhecemos na Espanha, na França, na Bélgica, na Itália, na Inglaterra, na Alemanha ou nos Estados Unidos? Nomes espanhóis como os de Amália Domingo y Soler, José Fernandez Colavida (conhecido como o Kardec espanhol), Francisco Ballester Galés, Angel Aguarod; franceses como os de Léon Denis, Gabriel Delanne, Alexandre Delanne, Albert De Rochas, Paul Leymarie, Camille Flammarion, Jean Meyer; italianos como os de Eusápia Paladino, Ernesto Bozzano, César Lombroso; ingleses como os de Arthur Conan Doyle, Alfred Russel Wallace, Stainton Moses, William Crookes, Florence Cook; alemães como os de Johann Fredrich Zöllner, Gustav Fechner, Wilhelm Weber; americanos como

os de Henry Slade, Cora Scott Hatch, Edgard Cayce, Harriet Beecher Stowe (médium que psicografou o famoso livro ‘**A Cabana do Pai Thomas**’), Abraham Lincoln, Horace Hambling, Frank Carpenter, Charles Schockle, Joseph Banks Rhine, dentre incontáveis outros nomes, mais ou menos famosos, médiuns, pesquisadores, escritores, trabalhadores diversos que em seus países estenderam luminosa ponte entre o território do materialismo e dos problemas humanos aos campos do Espírito imortal, donde procedem as inspiradas soluções para os problemas planetários. Dessa forma, creio que o amadurecimento das comunidades brasileiras, que vão aprendendo a viver nos países dos outros, procurando acurar os estudos das línguas bem como um maior e melhor conhecimento das culturas desses países, sem o anseio perturbador e sem sentido de construir onde estejam uma “mini-república brasileira”, em sinal de respeito a quem lhes abriu as portas ou que os suporta, mesmo sob a incômoda lona da ilegalidade, alcançarão, com o tempo, a simpatia e a aproximação de muitos corações que passarão a interessar-se pelo Espiritismo. Por agora, e durante um bom tempo, precisarão os espíritas brasileiros no Exterior levar a sério não apenas o Espiritismo, mas, e fundamentalmente, a realidade de que estão em alheias terras diante do dever de estudar, de trabalhar, de servir e, como propôs a nobre pensadora italiana, Chiara Lubich, **aprender a florir onde Deus os plantou...**

(continua)



**Série: A HISTÓRIA DE UMA MENSAGEM**  
**“A Certeza definitiva de que a vida continua”**

(30.ª Parte)

A história de hoje, nos faz recuar a 27 de fevereiro de 1981, em São Paulo, Capital. Naquele dia, o Sr. Mário Quirino dos Santos, na tentativa de conciliar o sono, ficara só na sala de sua casa, diante do aparelho de televisão, assistindo a um filme que não conseguia prender-lhe a atenção. Por volta das 22 horas, ao se levantar para desligar a TV é surpreendido por uma estranha e inquietante visão: seu filho Mário Roberto, se mostrava extremamente aflito. Sabedor que ele e sua noiva estavam dando um tempo no relacionamento, ignorava onde poderia estar o rapaz. Sua preocupação, que passou a beirar o desespero, aumentou quando nova cena lhe surge aos olhos da mente: Mário Roberto, sem forças se apresentava com o corpo manchado de sangue. Assustado e com pressentimento, decide se deitar, mas mal acabara de se levantar do sofá, com a mão no interruptor para apagar a luz, ouve a campainha da porta. Trêmulo, atende à porta: era um amigo de Mário Roberto no portão. O jovem diz que Mário Roberto está hospitalizado, pois havia sido atingido por um tiro, disparado contra um amigo que se envolvera minutos antes em um acidente de trânsito, fugindo do local. Não podia dar maiores detalhes do ocorrido. Apressado, ruma para o hospital, encontrando o filho na UTI, onde atravessaria a noite. Ouve dos amigos de Mário Roberto que lá estavam, comentários sobre a ocorrência, inclusive Gilberto, o jovem para o qual se destinava o tiro. Na manhã do dia imediato, já em sua casa, a qual era próxima do hospital, onde amigos e familiares se encontravam em orações, recebem a dolorosa notícia: Mário Roberto não resistira ao ferimento e desencarnara. Meses depois, o filho retorna pelas mãos de Chico Xavier, numa mensagem psicografada que restitui aos pais alento, ânimo e esperança, enxugando suas lágrimas e consolando-os em

suas aflições.

### ERRO DE JULGAMENTO.

***“Se me lembro da ocorrência infeliz? Recordo-a sim. Um projétil que se desviou do alvo me alcançou quando eu não esperava, senão a possibilidade de respirar um ar diferente das ruas, entretendo-me com amigos. Tiro para quem? Afinal fiquei desconhecendo as minudências do assunto. Os companheiros eram vários. Seria para Gilberto? Para José, para Antônio? Não houve tempo para realizar qualquer verificação. Cai à maneira de um animal abatido por experiente caçador, e não vi mais nada. O tumulto se fez muito grande. O carro passava veloz.”***

Muitas pessoas se perguntam ante ocorrência do tipo, por que no grupo reunido justamente Mário Roberto foi o escolhido pela dita “sorte” para ser atingido. O fato é que as aparências muitas vezes escondem dívidas contraídas por atitudes equivocadas em existência passada. Como ensinam os espíritos, nossa capacidade de avaliação é muito limitada e o Universo em que existimos é pautado pela causalidade e não pela casualidade. Acrescentam que uma existência nada mais é que “um relâmpago diante da eternidade”.

### PADRÃO.

***“Disse-não-disse, e meu pensamento inte-ressado na escuta vacilou e por fim apagou-se inteiramente. Quando me reconheci na fase final de minha existência, quis rezar, mas era tarde. A cabeça rodopiava e um torpor invencível me situou num desmaio que até hoje não pude compreender.”***



Vê-se que Mário Roberto mantinha a lucidez nos minutos que se seguiram ao disparo que o atingiu. E, em meio à confusão estabelecida, foi objeto do torpor característico nos processos de desencarnação, a irresistível sensação de desmaio já descrito por tantos outros comunicantes aqui apresentados.

## LENTO DESPERTAR.

*“Do intervalo que se fez por dentro de mim próprio, nada sei. O sono e o silêncio me tomaram os sentidos por inteiro. Impossibilitado para medir o tempo – creio que despendi muitas horas ou muitos dias para poder despertar. A senhora que velava junto a mim não se deu pressa em se anunciar. Esperou calmamente até que meus olhos se descerrassem de todo e que a vontade de conversar descesse da razão para a boca. Interpelada por mim, esclareceu que me buscara justamente quando tombei desprevenido.”*

Pelo que depreendemos das centenas de mensagens pesquisadas para apresentarmos neste programa, o intervalo entre morrer fisicamente e despertar espiritualmente é variável para cada espírito. Há aqueles que acordam ainda na cerimônia do velório, enquanto outros só muito tempo depois. Fatores como as necessidades cármicas, certo conhecimento sobre o tema, entre outros são determinantes do tempo a ser cumprido pelos envolvidos.

## EM FAMÍLIA.

*“Vovó Maria Francisca foi o nome que me deu para nomeá-la. Em seguida às primeiras perguntas minhas, outra se-*

*nhora se postou ao nosso lado, auxiliando-me. Declarou chamar-se Maria Peres, e me vi acalentado no meu desgosto das primeiras horas por dois corações maternos que tudo fizeram para que eu alcançasse equilíbrio possível com que estou contando para lhes escrever”.*

Ambas as personagens citadas por Mário Roberto, faziam parte da árvore genealógica dos pais dele, na condição de bisavós do rapaz. Dona Maria Francisca desencarnara 25 anos antes, quando o rapaz tinha apenas dois anos, enquanto Dona Maria Peres Pereira, voltara ao Mundo Espiritual quando sua mãe ainda era uma criança.

## DECISÃO CORRETA.

*“Mãezinha querida e meu querido pai Mário, agradeço-lhes por não terem conduzido o que me sucedeu a laços de processos que somente me serviriam de prisão e recordação que devo desmanchar inteiramente. O mal que sofremos é sempre uma bênção se não nos rendermos a sentimentos e revolta. Basta ao nosso infeliz irmão, que não conheço, a dor de haver provocado aquele conflito em que fui compelido a perder o corpo físico a fim de entrar na vida espiritual.”*

Muito apropriada a decisão comentada por Mário Roberto, adotada pelos pais em relação ao desconhecido autor do disparo. Certamente a não abertura do processo criminal, dissipou débito do rapaz, ficando a culpa do homicídio a ser resolvida por ele mesmo no tempo e existência devidos.

A íntegra desta e outras mensagens poderá ser lida na obra **“AMOR E SAUDADE”**, publicado pelo IDEAL.

## OBSESSÃO REINCIDENTE

Walter de Moraes Fontes

**“Quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares secos, buscando repouso e, não o achando, diz: Retornarei...”**

Jesus referia-se às leis que regem a vida espiritual, através de alegorias e parábolas que geraram especulações e interpretações dogmáticas.

Os próprios discípulos do Mestre, quando não entendiam os Seus ensinamentos, solicitavam-Lhe esclarecimentos em reuniões íntimas e, em razão de Suas explicações objetivas, firmaram a sua fé inabalável, mais consciente da verdade.

As citações de Mateus e Lucas acerca do retomo dos espíritos obsessores, pela invigilância, revelam que Jesus ensinava a todos os cuidados para a preservação do ambiente espiritual.

Refere o apólogo, registrado por Lucas (11:24) e Mateus (12:43) que: **“Quando o espírito imundo tem saído do homem anda por lugares secos, buscando repouso e, não o achando, diz: Retornarei à casa donde saí. E chegando, acha-a varrida e adornada. Então, vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando habita ali, e o último estado desse homem é pior do que o primeiro.”**

A curiosa história só se pode compreender pelo conhecimento das leis que regem a vida dos espíritos errantes e das consequências da sua magnética atração e da sua repulsão, pela ação e reação do ser encarnado.

Na singeleza daquele apólogo, Jesus refere-se ao adorno da casa, entendendo-se que Ele se referia às fantasias

mentais e às futilidades.

Tal conduta, segundo a Doutrina dos Espíritos, pode ser classificada como desequilíbrio, imprudência ou insensatez mental, que produzem ondas vibratórias de baixa condição e atraem as entidades desencarnadas que gravitam em tais faixas das zonas escuras da erraticidade.

O texto de Lucas inicia o registro do episódio, referindo a resposta de Jesus aos fariseus que pretendiam levá-lo ao descrédito, perante aos que haviam assistido a cura de um mudo, que passou a falar depois da imposição de Suas abençoadas mãos, afirmando que o Mestre teria expulsado o demônio que a causava com a ajuda de Belzebu, príncipe dos demônios. A resposta do Mestre ainda mais aturdiu os fariseus.

Disse-lhes: **“Se Eu expulso demônios pelo dedo de Deus, certamente a vós é chegado o seu reino.”**

E fazendo-os mais perplexos, acrescentou: **“...o valente guarda armado a sua casa... mas surgindo outro mais valente, tira-lhe toda a sua armadura...”**

A Doutrina Espírita nos facilita o entendimento dessa passagem do Evangelho, pelo esclarecimento que nos proporciona acerca da intervenção dos espíritos mal intencionados e da sua sutil e maléfica ação.

Os esclarecimentos alinhados no Capítulo IX, de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, referem-se à **“influência oculta dos espíritos sobre os nossos pensamentos e ações”** e à ação dos Espíritos Protetores, familiares ou simpáticos, que no ajudam a superá-la. Tais ensinamentos espíritas se constituem na exemplificação clara e objetiva daque-



las metáforas de Jesus sobre o retorno dos espíritos à casa adornada, isto é, à mente desprevenida e imprudente, e à ação dos obsessores sobre os que fraquejam na fé e duvidam da proteção espiritual.

O espírito André Luiz no livro **LIBERTAÇÃO** (Capítulo XVI) relata um incidente da reincidência obsessiva resultante da in vigilância de uma dedicada colaboradora de uma Casa Espírita, onde também atuava como médium. Observa o conhecido espírito que: ***“Enquanto a criatura é vulgar e não se destaca... as inteligências pervertidas não se preocupam com ela, no entanto, logo que... se lhe apure o tom vibratório, passa a ser notada... e naturalmente perseguida...”***

Referindo-se ao recesso da Casa Espírita, reportou-se às palavras do orientador: ***“Este domicílio está sob a guarda de nossos processos de vigilância. Entidades perturbadoras não dispõem de acesso até aqui... Transtornada... a médium referida... vai, ela mesma, ao encalço de maus con-***

***selheiros...”*** E continua: ***“O ciúme e o egoísmo constituem portas fáceis de acesso à obsessão...”*** ***Alimentando tais sentimentos negativos “a médium já se ligou mentalmente aos ardilosos adversários de seus compromissos sublimes...”***, passando a ouvir-lhes os maléficos conselhos.

Foi preciso que o esposo ponderado advertisse a médium, ao notá-la diferente e a convidasse à reflexão e à prece, para que se desligasse da influência maléfica dos obsessores.

Inspirado por um bom espírito, observou: ***“Caíste nas malhas dos nossos infelizes irmãos... Jesus nos auxiliará no reajustamento.”***

A oração em conjunto criou a barreira fluidica contra os instigadores do mal e restabeleceu as defesas da mente e do lar.

Revivam-se as palavras de Jesus: ***“Eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, porque, certamente, a vós, é chegada o seu reino”, é chegada a abençoada intervenção dos Espíritos de Deus.***

FONTE: Informativo MDL, 4/09

## FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo-SP, no valor de R\$ 30,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Nota: Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número.



## SUICÍDIO, O QUE FAZER?

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o suicídio é atualmente a terceira causa de morte entre pessoas na faixa etária dos 15 aos 34 anos. No Brasil, a cada hora uma pessoa tira a própria vida. Em termos globais, os casos de suicídio aumentaram 60% nas últimas décadas. Na maioria dos países, essa prática aparece entre as dez causas mais comuns de óbito e entre as duas ou três mais frequentes em adolescentes e adultos jovens.

Há poucas semanas, uma pesquisa inédita da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) trouxe à tona novamente o assunto. Para o estudo, foram ouvidos quase dois mil adolescentes de Porto Alegre, com idades de 14 a 17 anos, fase em que não apenas pensam em tirar a própria vida mas já planejam o ato. E a quantidade dos que chegam à fase de planejamento do suicídio causou espanto, sobretudo por ser sabido que em cada cinco pessoas que planejam a própria morte, três chegam a levar a efeito o ato. De acordo com a pesquisa, pelo menos seis em cada cem jovens em idade escolar da rede pública da região metropolitana daquela capital já haviam arquitetado a própria morte. Os principais fatores de incentivo, apontados pelos entrevistados, foram a depressão, agressões na escola e negligência familiar.

Outra questão que vem preocupando bastante é a dificuldade de

se conseguir tratamento no sistema público de saúde para os potenciais suicidas. Hoje, em todo o Brasil, há apenas 101 Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenis (CAPSi) oferecendo esse tipo de apoio. Nos Estados de Rondônia, Espírito Santo, Tocantins, Amapá, Acre, Roraima e Amazonas não há nenhuma unidade do CAPSi, geralmente implantado apenas em municípios com mais de 150 mil habitantes.

Por conta de todo esse quadro, a questão do suicídio surge como um desafio também para as instituições espíritas que, não raro, oferecem ajuda àqueles que batem às suas portas pensando em desertar da vida. E também às pessoas próximas daqueles que cometeram o ato extremo, as quais se vêem bastante abaladas.

Buscando novas formas de auxiliar, e considerando os valiosos recursos que o Espiritismo disponibiliza como fatores de defesa contra a idéia do autocídio, algumas instituições estão oferecendo atendimento fraterno também por telefone. É o caso do Centro Espírita Allan Kardec, de Copacabana, na Zona Sul do Rio, que mantém uma linha só para socorrer pessoas em dificuldade, o número (21) 256-0628. O mesmo faz o S.O.S Preces, da Fundação Espírita Allan Kardec, de Juiz de Fora, que tem socorrido centenas de pessoas pelo telefone (32) 3236-1122.



Embora sejam bem conhecidas das instituições espíritas as formas de se combater o suicídio, mediante a gravidade do quadro que agora se desenha, vale destacar a necessidade de se promover com maior frequência estudos sobre o suicídio, assim como abordagens em torno da depressão, dos problemas familiares e outros temas associados. Vale ainda ressaltar a urgência em se divulgar um pouco mais para fora das paredes da Casa Espírita os esclarecimentos dos Espíritos a respeito do suicídio, fazendo isso, por exemplo, através do teatro ou, simplesmente, da distribuição de materiais como a cartilha “Suicídio, não!”, da Federação Espírita Brasileira, ou de mensagens como a do Espírito Ivan de Albuquerque, que no livro **“Caminhos para o amor e a paz”** (ed. Fráter), psicografado por José Raul Teixeira, ensina a vencer

o suicídio:

***“Abraça-te à oração e conduze-te pelos rumos da vigilância; lê o que te higienize e reconforte a alma e age, consciente, em prol do bem geral, para que não deixes abertas as portas que facilitam o acesso perturbador que induz as ideias e práticas suicidas. Confia que a cada dia tudo se altera para melhor e que, se prosseguires atento e confiante em Deus, a tua vida se transformará e conseguirás vencer os tempos difíceis e as agruras que se insurgem, transformando-te em alguém vitorioso e feliz, a fim de avançares para o progresso pleno que almejas, pleno de vida e de harmonia, mergulhado nesse universo divino, que em toda parte trescala bênçãos e aprendizado, de aprimoramento, de paz de felicidade.”***

FONTE: SEL, nº 2138

Agora você pode pesquisar números anteriores de **INFORMAÇÃO**,

Ou a **SÉRIE INFORMAÇÃO ESPÍRITA EM VÍDEO** no site

**[www.revistainformacao.com.br](http://www.revistainformacao.com.br)**

Caso queira copiar qualquer ou todos os programas da série

**INFORMAÇÃO ESPÍRITA** no formato DVD, basta acessar o portal

**[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br),**

clikando em **vídeo** e documentário, seguindo as demais instruções lá existentes.



## O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

### PROBLEMA RELIGIOSO NA FAMÍLIA

**Tenho um parente adolescente que está num grande conflito. É um rapaz inteligente, trabalhador, obediente aos pais e filho único. Acontece que, de uns tempos para cá, ele descobriu que não quer mais seguir a religião de seus pais, mas ele não tem coragem de dizer isso em casa. O pai e a mãe são boas pessoas, mas muito exigentes em matéria de religião. O rapaz teme que, não querendo contrariar os pais, esteja sendo infiel a Deus. Quero uma posição de vocês.**

A situação deve ser muito difícil para esse jovem, embora o caso não seja tão grave assim, de nosso ponto de vista. Mas pelo fato de estar sofrendo um dilema, esse jovem precisa de seu apoio moral, cara leitora. Por isso você fez bem em nos trazer esse caso. O problema da opção religiosa é algo muito sério na vida de todos nós. Infelizmente nós, os pais, temos muito a aprender em relação a isso. É claro que, como pais, temos uma grande responsabilidade em educar os filhos dentro de nossas convicções, porque aquilo que consideramos bom para nós, também deve ser bom para eles. Daí porque a educação religiosa deva ser uma obrigação da família. Mas isso não quer dizer que nossos filhos — embora, hoje, estejam sendo educados na religião que professamos — devam seguir para toda a vida essa religião. Não. Uma pesquisa recente dá conta de que um terço dos paulistanos mudaram de religião.

Enquanto os filhos são crianças, enquanto não têm a faculdade de decidir por si mesmos, nós decidimos por eles. Mas quando eles crescem, quando adquirirem a sua própria capacidade de pensar e raciocinar, eles devem adquirir a sua liberdade para

escolherem a religião que mais atendam às suas necessidades íntimas. Isso os pais precisam compreender e aprender a respeitar. É claro que esta posição que estamos colocando aqui — é uma posição liberal, democrática, onde estão presentes todos os princípios fundamentais dos direitos humanos. Se os pais são pessoas intransigentes, de mentalidade estreita e sectária — portanto, autoritários e impositores — eles não conseguirão compreender isso. Por outro lado, é preciso saber o que esse jovem — que fez outra opção religiosa — está pensando em matéria de liberdade de escolha. Se ele quer a liberdade para si, deve com certeza respeitar a liberdade dos pais. Mas se ele não quer contrariá-los por uma questão de respeito ou mesmo de medo — isso é perfeitamente compreensível nas condições em que ele se encontra hoje. Mais cedo ou mais tarde, se tiver firme convicção do que está escolhendo, ele encontrará os meios de se libertar. Tudo é uma questão de tempo. Não deve, portanto, sofrer muito, mas deve aprender a ir lutando pelos seus direitos. Ele sofrerá muito, se achar que Deus o colocou numa situação insolúvel, se achar que Deus tem partido ou preferência religiosa, se achar que só se pode servi-lo através de uma determinada religião. Mas, estará mais tranquilo e confiante, se conceber Deus como um Bem mais elevado que o homem, acima de todas as crenças e religiões, o Pai perfeito de que Jesus falou, que não protege este ou castiga aquele, mas que deixa aos seus filhos a opção de caminhar com suas próprias pernas, na busca de sua realização pessoal. Estará mais tranquilo se conceber que o que vale na vida não é o rótulo que ostentamos ou o caminho que construímos, mas o bem que fizermos — e esse bem podemos fazer em qualquer caminho, em qualquer religião.



## AMBIENTE FAMILIAR E OS PROBLEMAS DA VIOLÊNCIA NUMA ANÁLISE ESPÍRITA

Jorge Luiz Hessen

A partir de 1600, em face das relações sociais mais estáveis e a crítica científica sobre a fé dogmática estabelecida, a família ganha contornos de conceitos éticos na sua formação, estabelecendo o padrão mais tradicional: pai, mãe, filhos, avós, tios, sobrinhos, etc. Todavia, infelizmente, na década de 50, do século XX, a corrida pelo conhecimento, o domínio tecnológico, as filosofias libertárias e a ânsia do não compromisso bilateral, esfacelaram as relações familiares. Instala-se a desestrutura moral caracterizada pelo adultério, sexo livre, aborto, consumo de drogas, separações, violência doméstica de tal magnitude, que se tomou difícil definir o conceito de família, razão pela qual é indispensável entendê-la enquanto espaço de convivência e sobrevivência de seres humanos. A rigor, as relações familiares devem ser, acima de tudo, de ordem ética. Contudo, percebe-se nelas um desgaste emocional acentuado e uma intrincada rede de desestruturas morais, que nos cabe analisá-las.

Na família antiga, não há dúvida, encontrava-se um espaço de convivência maior entre seus membros, embora não se esteja discutindo sua qualidade. Na atual, pelo contrário, e apesar das facilidades materiais, encontra-se um espaço menor. A tecnologia é responsável, quase que diretamente, por essa conjuntura, pois, ocupam-se espaços importantes para assistir televisão, ouvir música (com fone de ouvido), navegar na

rede mundial de computadores - a Internet - e assim por diante. Diante disso, somos instados a afirmar que a instituição familiar necessita de apoio religioso para alcançar seu equilíbrio moral.

Recentemente, a imprensa divulgou os seguintes fatos: uma jovem, em São Paulo, matou os pais com a ajuda do namorado; um casal atirou um bebê contra um automóvel; um casal jogou menina pela janela do prédio. Nos casos acima, não ignoramos fatores motivadores dos crimes como o uso de drogas, paixões descontroladas, recalques infanto-juvenis, ambição financeira e outros levados a conta de transtornos emocionais e mentais capazes de subtrair, temporariamente, a capacidade de raciocínio e equilíbrio. A violência do homem civilizado tem as suas raízes profundas e vigorosas na selva. O homo brutalis tem as suas leis: subjugar, humilhar, torturar e matar. O pragmatismo das sociedades contemporâneas coisificou o homem, o que vale dizer que o nadificou no plano moral. O mesmo indivíduo que se prostra diante das imagens frias dos altares, nos templos suntuosos, volta ao seu posto de mando para ordenar torturas canibalescas. O homem contemporâneo vive atormentado pelo medo, esse inimigo atroz que o assombra, uma vez submetido às contingências da vida atual, de insegurança e de incertezas, resultando em transtornos graves da mente, pela angústia dissolvente da própria individualidade.



Muitas famílias vivem e revivem agressividades múltiplas, influenciadas pela violência que, insistentemente, é veiculada pelos noticiários, pelos documentários, pelos filmes, pelas torpes telenovelas e pelos programas de auditório (cada vez mais obscuros de valores éticos). Alguns familiares assimilam, subliminarmente, essas informações e, no cotidiano, sobretudo, reagem, violentamente, diante dos reveses da vida ou perante as contrariedades corriqueiras. A brutalidade familiar tem esmaecido, consideravelmente, o caminho para Deus. Há os que condenam a violência alheia, mas, no entanto, no dia-a-dia, ao invés de agirem de forma pacífica e fraterna, são quais androides, revidando com a mesma moeda as agressividades sofridas. Existem aqueles casais que dizem viver um amor recíproco e, no entanto, quando há qualquer desentendimento entre eles, são extremamente hostis um com o outro. Há os que vêem no cônjuge um verdadeiro teste de paciência, pois os seus “santos” não se “cruzam”. Mais ainda, quando o assunto são os filhos, há pais que dizem adorar todos eles, mas os consideram espíritos imaturos, que dão muito trabalho e, não raro, desgostos. A vida em família, nessas condições, transforma-se em verdadeiro tormento. Na verdade, se não os aceitarmos, hoje, como são, teremos de aceitá-los amanhã, pois as leis da vida exigem, segundo nos ensinou Jesus, que

***nos entendamos com os nossos irmãos de penosa convivência ‘enquanto estivermos a caminho com eles’.*** A fuga aos deveres atuais será paga mais tarde com os juros devidos. Os filhos difíceis são filhos de nossas próprias obras, em vidas passadas, que a Providência Divina, agora, encontra a possibilidade de nos unir pelos laços da consanguinidade, dando-nos a maravilhosa chance de resgate, reparação e os serviços árduos da educação.

Devemos ensinar a tolerância mais pura, mas não desdenhemos a energia, quando necessária no processo da educação, reconhecida a heterogeneidade das tendências e a diversidade dos temperamentos. ***“O lar não se fez para a contemplação egoística da espécie, porém, para santuário onde, por vezes, exigem-se a renúncia e o sacrifício de uma existência inteira.”***(1) Por todas essas razões, precisamos aprender a servir e perdoar; socorrer e ajudar os jovens entre as paredes do lar, sustentando o equilíbrio dos corações que se nos associam à existência e, ***“se nos entregarmos realmente no combate à deserção do bem, reconheceremos os prodígios que se obtêm dos pequenos sacrifícios em casa por bases da terapêutica do amor.”*** (2) Muitos temem a violência. Erguem altos muros com fios eletrificados ao redor de suas residências, tentando evitar que ela (a violência) os atinja. Contratam seguranças



para protegerem suas empresas e seus lares. Instalam equipamentos sofisticados que os alertam da chegada de eventuais usurpadores de seus bens. Contudo, **existe outro tipo de violência que não damos atenção: é a que está fincada dentro de cada um de nós.** Violência íntima que alguns alimentam, diariamente, concedendo a que ela se tome animal voraz. É o ato de indiferença que um elege para apunhalar o outro no relacionamento doméstico, estabelecendo silêncios macabros às interrogações afetuosas. São os cônjuges que, entre si, pactuam com a mudez, como símbolo do desconforto por viverem, um ao lado do outro, como algemados sem remissão. A violência de fora pode nos alcançar, ferir-nos e, até mesmo, magoar-nos profundamente, mas, a violência do coração (interna), silenciosa, que certas pessoas aplicam todos os dias, em seus relacionamentos, é muito mais perniciosa e destruidora. A paz do mundo começa sob o teto a que nos albergamos. **“Se não aprendemos a viver em paz, entre quatro paredes, como aguardar a harmonia das nações?”** (3)

O Espiritismo explica que **“os que encarnam numa família, podem ser Espíritos simpáticos, ligados por anteriores relações, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas, também pode acontecer sejam completamente estranhos uns aos outros esses Espíritos, afastados entre si por an-**

**tipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por um mútuo antagonismo, que aí lhes serve de provação.”** (4) O apostolado de reajuste há de se iniciar nos pais, porquanto, despertados para a lógica e para o entendimento, são convocados pela sabedoria da vida ao apaziguamento e à renovação. Trazidos à reencarnação para os alicerces dos fenômenos sócio-domésticos, não é somente a relação dos pais para com os filhos que assume caráter de importância, mas, igualmente, a que se verifica dos filhos para com os pais. **“Os pais não conseguem penetrar, de imediato, a trama do destino que os princípios cármicos lhes reservam aos filhos, no porvir, e os filhos estão inabilitados a compreender, de pronto, o enredo das circunstâncias em que se mergulharam seus pais, no pretérito, a fim de que pudessem volver do Plano Espiritual ao renascimento no Plano Físico.”** (5)

Devemos estar sempre atentos e, incansavelmente, buscar um diálogo franco com os filhos, sobretudo, amando-os, independentemente, de como se situam na escala evolutiva. Coincidentemente, ou não, os jovens mais agressivos são pouco amados pelos pais, sentem-se deslocados no grupo familiar ou se consideram pouco atraentes, etc.. Por estas e muitas outras razões, devemos transmitir segurança aos filhos através do afeto e do carinho constantes. Afinal, todo ser humano necessita ser amado, gostá-



do, mesmo tendo consciência de seus defeitos, dificuldades e de suas reais diferenças.

Nos primeiros anos de vida dos filhos (mais no período infantil do que na adolescência) é que podemos exercer salutar influência em favor do aprimoramento moral deles, através dos bons conselhos e, o que é mais importante, dos bons exemplos que lhes possamos oferecer. Em extremo, há pais que não têm pelos filhos o carinho e a solicitude que dispensam aos animais (a exemplo das aves e dos mamíferos), já que não titubeiam em dá-los ou mesmo abandoná-los à própria sorte desde a mais tenra idade. Outros, ao contrário, fazem dos filhos verdadeiros ídolos, colocando-os acima de tudo e de todos, inclusive de Deus. Os julgam possuidores de excelsas qualidades, recusando-se a admitir sejam capazes de qualquer ação menos digna. Daí, porque, sempre encontram um meio de justificar-lhes os erros, enxergando-os quais “vítimas inocentes” da maldade do mundo.

Somos defrontados, em todos os departamentos da família humana, pelas ocorrências da aversão inata. Pais e filhos, irmãos e parentes outros, não raro, se repelem, desde os primeiros contatos. ***“Pais existem nutrindo antipatia pelos próprios rebentos, desde que esses rebentos lhes surgem no lar; e existem filhos que se inimizam com os próprios pais, tão logo senhoreiam o campo mental, nos labores da encarnação. Arraigado no labirinto de existências***

***menos felizes, decerto que o problema das reações negativas, culpas, remorsos, inibições, vinganças e tantos outros está presente no quadro familiar, em que o ódio acumulado em estâncias do pretérito se exterioriza, por meio de manifestações catalogáveis na patologia da mente.” (6)***

A família, para determinadas religiões e sociedades, é algo indissolúvel. Tempos atrás, a manutenção dessas famílias era, somente, para manter aparências de respeito e felicidade. Hoje, observam-se famílias se desfazendo por trivialidades. O que é o ideal? A família de “porta-retratos” ou a família que se dissolve na primeira “tempestade moral”?

Cabe ao Centro Espírita dimensionar os serviços de suporte à família atual, mas não de forma isolada. Deve o Centro Espírita integrar suas ações com outras instituições, tanto de caráter religioso como social, na busca da melhor qualidade do atendimento individual e coletivo, naturalmente, sem perder sua identidade doutrinária, mas, objetivando o resgate da ordem moral, que deve alicerçar a família como espaço de convivência.

***“O culto do Evangelho é uma forma de reunir a família em torno de um objetivo comum. A comunhão familiar, onde todos conversam, trocam idéias, falam de seus problemas, comentam suas atividades à luz dos ensinamentos de Jesus, representa o mais eficiente estímulo para o estreitamento das ligações afetivas,***



***transformando o lar em porto de segurança e paz, com garantia de equilíbrio e alegria para todos.” (7)***

Quem estuda o Evangelho, e se esforça por praticar seus preceitos, vê-se melhor instrumentalizado para a vida familiar nos tempos atribulados em que vivemos, encontrando conceitos lógicos e racionais para o entendimento da vida numa visão evangélica consciente. O espírita-cristão deve se armar de sabedoria e de amor, para atender à luta que vem sendo desencadeada nos cenários domésticos em geral, concitando à concórdia e ao perdão, em qualquer conjuntura anárquica e perturbadora da vida moderna, pois ***“quando a família ora, Jesus se demora em casa.” (8)*** É verdade – ***“quem cultiva o Evangelho em casa, faz da própria casa um templo do Cristo.” (9)*** Logo, é imprescindível praticarmos os Ensinos de Jesus no lar, contribuindo com a parcela de mansidão para pacificá-lo. O homem moderno ainda não percebeu que somente a experiência do Evangelho pode estabelecer as bases da concórdia, da fraternidade e constituir os antídotos eficazes para minimizar a violência que, ainda, avassala o ninho doméstico e deságua na sociedade.

Portanto, mesmo num ambiente familiar conturbado, onde existe a evidente reunião de Espíritos não afinados, quando se institui a presença de Jesus nesse lar, esse ***“(…) produz sinais evidentes de paz, e aqueles que antes experimentavam repulsa***

***pelos ajuntamentos domésticos descobrem sintomas de identificação, necessidade de auxílio mútuo.” (10)***

A prece proferida de coração é uma emissão eletromagnética de elevada potência. Por isso, ela se reveste de significativa importância na defesa mento-espiritual do indivíduo e do próprio lar. Os pais que possuem o hábito da prece devem insistir por transferir esse precioso elemento de equilíbrio e proteção psíquica para os filhos, pois necessitamos dessa realimentação vibratória com o Genitor Divino para manter o nosso psiquismo estabilizado nas esferas elevadas, e essa comunhão com o Criador se estabelece através da prece sincera e singela, principalmente, quando proferida e bem sentida no seio familiar, transformando qualquer sombra em alegria e bem estar de todos.

Fontes:

- (1) XAVIER, Francisco Cândido. **O Consolador**, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- (2) XAVIER, Francisco Cândido. **Caminhos de Volta**, ditado por Espíritos Diversos, SP: IDE, 1976.
- (3) XAVIER, Francisco Cândido. **Jesus no Lar**, ditado pelo Espírito Néio Lucio, Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- (4) KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, cap. XIV.
- (5) XAVIER, Francisco Cândido. **Vida e Sexo**, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001.
- (6) Idem
- (7) SIMONETTI, Richard. **Temas de Hoje, Problemas de Sempre**, SP: ed. Correio Fraternal, 1990.
- (8) FRANCO, Divaldo Pereira. **SOS Família**, ditado pelo Espírito Joanna de Angelis, Salvador: Ed. Leal, 2006.